

Sexo: paradigma da psicanálise

Sonia Nassim¹

Resumo: Repensar a sexualidade na tentativa de afastar-se dos preceitos culturais e da ênfase na reprodução. A NovaMente explicita a condição paradigmática do Sexo, ao aplicar um golpe de abstração na psicanálise de Freud e Lacan e conceber a noção de Sexo como único, neutro e Indiferente. A tarefa da psicanálise é ampliar o poder de gozo e tornar o sexo operacional e exemplar desse processo. Para além da diferença sexual, o Sexo comanda as articulações mentais e tem como função primordial operar separações.

Palavras-chave: Nova Psicanálise; Sexualidade; Revirão

O termo *paradigma* tem origem na palavra grega *parádeigma* cujos significados básicos são *modelo, exemplo, padrão*. De Platão e Aristóteles até os dias de hoje, a concepção de paradigma sofreu inúmeras transformações em diferentes contextos históricos e teóricos. Foi, contudo, em meados do século XX — com o epistemólogo e historiador das ciências Thomas Kuhn — que o conceito ganhou fama e grande poder heurístico. O uso e a significação genérica dada ao termo por Kuhn em seu *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1997) foram consagrados e tornaram-se hegemônicos sendo utilizados nos mais diversos campos de saber.

Para Kuhn, toda mudança de paradigma equivale a uma revolução científica universalmente reconhecida que fornece “problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (1997: 13). No seu entender, um paradigma serve para orientar as pesquisas através de regras abstratas. Como afirma Stengers (2002), não se trata apenas de uma simples maneira de “ver” as coisas, mas algo eminentemente de ordem prática. Concebido como um acontecimento raro que se impõe, o paradigma de Kuhn “designa um modo de mobilização dos fenômenos que se revelou de uma maneira inesperada, quase escandalosamente fecundo” (2002: 66). Em suma, um paradigma transforma o modo de produção dos fatos “e se impõe, à maneira de um *acontecimento*, criando o seu antes e seu depois” (2002: 68). Sem

¹ Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ/IP). Psicanalista e membro da NovaMente.

dúvida, o *acontecimento* Psicanálise inaugura um novo paradigma para o pensamento e, como veremos, tem seu próprio paradigma.

A palavra aqui deverá ser tomada em sua concepção mais genérica como modelo exemplar, referência *princeps* e específica de um determinado campo de saber; aquilo que rege a organização de seus enunciados teóricos e suas operações práticas. No presente contexto, o paradigma é a regra básica e intrínseca aos modos de produção teóricos e práticos da psicanálise, disciplinando assim seu campo.

Importante lembrar que o paradigma da modernidade foi bastante abalado com a entrada em cena da psicanálise e sua forma de produzir conhecimento, tão adversa aos parâmetros de uma epistemologia racionalista. A psicanálise questiona as categorias centrais do paradigma moderno, que consiste em acentuar as dicotomias entre *natureza/cultura*, *sujeito/objeto*, *corpo/psiquismo*. Para além de uma mera inclusão do “irracional” é preciso reconhecer que a potência inventiva de Freud, ampliada e articulada com a contemporaneidade, pode criar seu próprio paradigma. A originalidade freudiana de descentrar o poder da consciência para o Inconsciente em sua íntima correlação com o sexual, é suficientemente exemplar para a construção de um paradigma. Projeto este que a NovaMente se apropria, reiterando o Sexo como o paradigma da psicanálise.

Ao acrescentar novas bases conceituais ao legado freudiano, e explorar devidamente a psicanálise como precursora de uma nova razão, este pensamento eleva o Sexo à condição de paradigma. Para tanto, MD Magno amplia as fórmulas quânticas lacanianas, subvertendo-as, pois considera Sexo, para além da diferença sexual, como único, neutro, indiferente. Mas também, como veremos, modelo exemplar das operações psicanalíticas.

Para que o conceito acompanhe sua mudança de *status*, tornando-se o mais genérico possível, Magno confere ao movimento da **pulsão de morte**², introduzido por Freud em 1920, primazia conceitual. O psicanalista brasileiro reconhece, no conceito de Pulsão, a força constante (*konstante Kraft*) que rege e unifica o campo operacional da psicanálise. Neste contexto, a pulsão torna-se única, nem de morte,

² Pulsão: único conceito original da psicanálise forjado por Freud para dar conta do movimento do aparelho psíquico no sentido de sua extinção. MD Magno afirma que a pulsão é o único conceito fundamental da psicanálise e a trata como sinônimo de Tesão.

nem de vida, ou seja, puro Tesão que impulsiona para frente, em busca do gozo absoluto, isto é de uma **simetria** radical. Ao encontrar **quebra de simetria** (castração) o Sexo se revela como responsável pelo padrão de inteligibilidade que dirige os processos articulatórios do psiquismo. Com isto, a pulsão encontra na sua função disjuntiva, mola mestra da operação analítica, a possibilidade de estabelecer o **Sexo como o paradigma da psicanálise**.

Sexo, portanto, como paradigma da psicanálise, tal como exige a clínica em questão, passa a ocupar o lugar de quebra de simetria, ou secção. A quebra de simetria, efeito do fracasso da “relação” desejada entre Haver³ e não-Haver⁴, e não mais entre masculino e feminino, se expressa no axioma de base deste pensamento: **Haver quer não-Haver**⁵. O Haver ou Inconsciente encontra na quebra de simetria a condição necessária para o estabelecimento do Sexual como paradigma do seu campo. O campo do Haver é aquele passível de acolher todas as manifestações possíveis da sexualidade, para além da simples diferença sexual anatômica. O Sexo enquanto Um e genérico é referência máxima da reformatação exigida pela NovaMente, servindo como princípio regulador das múltiplas aparições sexuais.

O legado freudiano

É impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário.

Sigmund Freud

A despeito do esforço de Freud de ampliar a sexualidade para além da genitalidade, como uma “psicossexualidade”, ele ainda a manteve referenciada a uma concepção patriarcal e falocêntrica que correspondia ao seu contexto cultural. Seria leviandade, no entanto, não reconhecer que embora tenha buscado nas premissas

³ Haver: conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver, totalmente adscrito ao movimento da pulsão e concebido como uma cosmologia libidinal.

⁴ Não-Haver: avesso radical de Haver.

⁵ Lei ou ALEI que fundamenta o projeto teórico-clínico da NovaMente. Tudo que há deseja extinguir-se, sumir radicalmente, seja no nível micro (pessoa), seja no macro (Haver). Quer dizer, nosso desejo de última instância é de simetria absoluta.

culturais um fim organizador para a sexualidade, colaborou para subvertê-las insistindo na temática da satisfação e do gozo.

A palavra sexual designa para a psicanálise um conjunto de atividades sem ligação com os órgãos genitais, não se devendo, portanto, confundir o sexual com o genital. A finalidade de satisfação do sexual assim compreendido não coincide necessariamente com uma finalidade de reprodução. O fim “originário” da sexualidade, afirma Freud, é um fim de gozo e, como o especifica Lacan, aquilo que o gozo leva nada tem a ver com a cópula em sua finalidade de reprodução (Desparts-Péquignot, 1996: 467).

Desde 1905, com a concepção de perversão polimorfa introduzida por Freud, a noção de sexualidade ganhou novos e amplos horizontes. Muito além de seu suposto ‘destino’ anatômico, ela passa a fazer parte da perversão polimorfa, senão mesmo a equivaler à intensidade e mobilidade pulsional. A universalidade da perversão polimorfa relega para segundo plano a questão do objeto e suas relações, não cabendo mais considerá-la como apenas um estágio inicial da sexualidade infantil.

Ao final do texto *Três Ensaio sobre a Sexualidade*, Freud apresenta um princípio organizador para a sexualidade num fim comum, de acordo com as exigências culturais: o primado do genital – “uma zona que assume a função de combinar as atividades sexuais isoladas para as finalidades da reprodução” (SE vol. VII, 1974: 244). Porém, a força da sexualidade infantil como expressão da pulsão se mantém dissociada da finalidade reprodutiva, tornando evidente seu esforço para efetuar uma desmontagem desta visada rígida e arcaica.

Desvinculando sexualidade, por um lado, de genitalidade e, por outro, de um modelo comportamental pré-formado (instinto), Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade. A significação do termo sexual não só se alarga mas, definitivamente ultrapassa o conceito clássico. E é observando sua poliformia perversa na criança que podemos começar a formar uma ideia de sua natureza e de seu modo de funcionamento. Ela é um conjunto disperso, autônomo, de atividades sem ordem nem organização. Cada uma delas segue seu próprio destino e não tem nada a ver com a sua vizinha (Monzani, 1989: 31).

Freud critica severamente a maneira com que a civilização ocidental lida com a sexualidade e, para melhor explicitar a pressão moral e religiosa, recorre ao Édipo e à Castração, definindo assim como ela se expressa contingencialmente.

Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edípiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa (Freud, vol. XXI, 1974, 1930: 156).

O complexo edipiano, como um modelo explicativo em relação à sexualidade, estava fadado pelo próprio Freud a cair em desuso e ser substituído por modelos mais abstratos. Vamos observar isto acontecer na transformação de sua obra, onde cada vez mais “afasta a ideia de um ser humano paradigmático” (Rorty, 1992: 60) e privilegia a força sexual, independente da reprodução, esta sim um paradigma.

A luta freudiana contra a consciência moral, que obviamente implica na reprodução, define nosso eu como “um tecido de contingências e não um sistema de faculdades [...]. Freud trata a racionalidade como um mecanismo que adapta contingências a outras contingências” (1992: 58/59), formando uma rede sobredeterminada infinita. O que permite afirmar que as conexões predominam na abordagem antiessencialista freudiana e que os modelos não são definitivos. Freud fracassa na tentativa de organizar a sexualidade num fim satisfatório para com as exigências culturais, permitindo assim que a ênfase recaia na noção de perversão polimorfa, considerada, por ele próprio, como originária.

O primado do genital apresentado por Freud – apesar de sua enorme força repressora advinda da cultura como norma imperativa ao processo civilizatório – não foi convincente o suficiente para ter primazia teórica na psicanálise. A despeito de uma ou outra pega sintomática, o legado de Freud não deixa de ser profundamente inovador permitindo a reformatação proposta por MD Magno. Esta abordagem utiliza a abstração teórica lacaniana sobre sexualidade, acrescida de novos conceitos ou proposições que, acreditamos, revigoram a clínica.

A revolução de Lacan

O aforismo lacaniano “*A mulher não existe*” afirma a impossibilidade de relação sexual e aturde principalmente as feministas, sem deixar de acrescentar mais originalidade à visada psicanalítica sobre a sexualidade. As fórmulas quânticas da sexuação indicam a dissimetria entre posições masculino/feminino, suas diferenças posturais em relação ao objeto e ao gozo. É fato que Lacan revoluciona a abordagem clássica, apesar de conservar as variações sobre o mesmo tema: a diferença sexual.

Os que frequentam o lado Masculino das fórmulas quânticas da sexuação, tal como estipuladas por Lacan, mostram a universalidade da **interdição** para esta espécie denominada Homem. A característica fundamental do Masculino como posição discursiva é sua abrangência totalizante, que não exclui as mulheres anatomicamente falando, mas apenas reitera a necessidade de se delimitar um objeto de desejo para todos. A condição masculina se sustenta na exclusão de pelo menos Um que diz não à castração e é necessária para o advento do gozo. Lacan formula a sexuação, considerando a existência a partir de uma “externalidade” que universaliza a castração. Quer dizer, é preciso estabelecer uma exceção para que se possa constituir um universal cuja regra é a castração. A visada estruturalista lacaniana mostra que o desejo implica numa falta, que exige a busca de um objeto particular que cause o desejo.

Em contrapartida, a posição Feminina é aquela que introduz outra modalidade de gozo: para além do gozo fálico existe também o gozo do Outro. Daí suspende-se o pelo menos um “externo” que não é castrado. Isto é, não existe nenhum que não seja castrado – mesmo aquele que possua uma anatomia que permita culturalmente designá-lo masculino pode frequentar esta posição discursiva.

O fato, tão peculiar aos frequentadores desta posição, de ser possível suspender o pelo menos um, que equivale à interdição, a nosso ver, ainda é insuficiente para explicitar a abrangência do aparelho psíquico, que não se restringe à oposição interdição/não interdição. De onde a proibição ou interdição tira sua força? Certamente da *impossível relação sexual* entre Masculino e Feminino, índice de castração para Lacan.

Não há relação entre as posições; enquanto o lado Homem universaliza o gozo, limitado pela interdição, as mulheres dizem gozar infinitamente, tornando possível a suspensão do limite. Ainda assim, Lacan mantém viva a problemática da diferença sexual e é essa questão que a NovaMente tenta ultrapassar ao estabelecer a primazia da pulsão, quer dizer, do Tesão. Se o objetivo é escapar da anatomia, não podemos confundir interdição com castração. Este conceito adquire novos contornos com a atual ferramenta.

Subversão de MD Magno

A psicanálise não vê sexo em tudo, mas sim tudo no sexo.
MD Magno

Para Magno, a ideia genérica de castração seria uma espécie de corte sofrido pela pulsão em relação ao alvo desejado. Trata-se da experiência que constitui a realidade do Inconsciente como sexual. Portanto, cabe perguntar: será que precisamos continuar usando o termo castração, já tão contaminado pelo imaginário dos corpos, assim como continuar insistindo na diferença masculino/feminino?

Para abandonar estas nomenclaturas tradicionais temos que ultrapassar os modelos explicativos apoiados na civilização judaico-cristã onde predominam as forças repressoras que alimentam a culpa e a vergonha. Daí a urgência de repensar a sexualidade. Nosso intuito é mostrar que o Sexo tem como eixo central a noção de quebra, corte ou secção, que indica, simplesmente, a impossibilidade de gozar absolutamente. Neste sentido não há força de nenhum poder constituído, nenhum Deus, nenhum pai, nem sequer a ideia de um sujeito que comande o processo.

No entender da NovaMente, a castração, devidamente ampliada, é condição *sine qua non* para a constituição da sexualidade no psiquismo, principalmente porque ela aponta para o gozo possível. Ao privilegiar o **impossível** em detrimento do **proibido** colocamos a castração única e exclusivamente em seu nível fundamental e independente de quaisquer símbolos, como, por exemplo, pai e suas funções. A castração, delimitada pelo impossível, afirma radicalmente a sexualidade, o gozo, o prazer e mostra uma única impossibilidade: gozar absolutamente, que equivale a dizer que o desejado não-Haver, não há.

Logo, o que temos é a conjunção da castração (quebra, corte ou secção) com o impossível, que constitui e limita o Sexo genérico e **Indiferente**⁶, responsável por toda e qualquer manifestação da sexualidade. A NovaMente, ao estabelecer como único impossível o gozo absoluto, afirma a perversão polimorfa freudiana. Não obstante a primazia seja do Sexo Indiferente, sobretudo em relação à ideia de

⁶ Indiferente que nada tem a ver com desprezo, mas sim com afirmação e acolhimento dos interesses.

diferença sexual, muito mais compatível com a noção freudiana de Inconsciente, onde não há inscrição desta diferença.

Desde os primórdios de sua articulação teórica, Magno insiste na tentativa de uma maior abstração com o propósito de agilizar a clínica. Se o núcleo da psicanálise é sexual, como preservar esta característica? Como se afastar dos preconceitos culturais sobre a sexualidade para melhor compreendê-los? Um exemplo disso seria o deslocamento da importância que foi dada ao falicismo.

Nossa posição é a de derrogar o Falicismo. Não é possível uma sociedade deixar de ser racista se, no âmago de sua própria ideia do que seja, por exemplo, diferença sexual, ela continua viciosamente machista. Há um sintoma que finalmente empuxa todas as coisas: portanto, uma sociedade machista, em última instância, terá o viés de ser coerentemente racista (Magno, 2004: 131).

O que seria específico para a psicanálise, se colocarmos de lado a ideia de diferença sexual? A ênfase recairia na castração e seus efeitos, que se traduz para nós como **quebra de simetria**, que se obtém do desejo de simetria absoluta inscrito na **ALEI: Haver quer não-Haver**. Cumprir ALEI, a máquina clínica fundamental, resulta em deparar-se com a quebra de simetria, já que é impossível não haver. A pulsão quer uma transcendência que não existe de fato, embora tenhamos o direito de requisitá-la sem jamais alcançá-la. Ora, se há desejo de simetria (Haver quer não-Haver) e o não-Haver não há, o que há é quebra de simetria. “É o princípio de quebra de simetria que instala definitiva e disseminadamente o Sexo no seio do Haver” (2000, 1996: 30).

A subversão de Magno implica em elevar a castração, agora renomeada de quebra de simetria, à força máxima do Tesão. Para o autor, a experiência de quebra de simetria expõe o gozo possível, em substituição ao impossível gozo absoluto. Com efeito, a função da quebra de simetria, puro Sexo Indiferente, disponibiliza o Tesão e amplia o Interesse que, na maioria das vezes está focalizado em um número pequeno e específico de formações. Disponibiliza no sentido de liberar o Tesão para o exercício de afirmação e acolhimento do que quer que compareça. A sexualidade seria, dentro desta referência, a aplicação do Tesão, já que, embora o sexo seja único e genérico, os interesses são múltiplos. Com isso, torna-se possível articular a unidade pulsional

com a polimorfia sexual, como sendo o que desenha a sexualidade do Haver ou do psiquismo.

Importante ressaltar que esta reformatação ultrapassa a noção de cultura, cujo entendimento impede de ceder às pressões recalcantes de determinados poderes constituídos, sejam eles socio-culturais, políticos ou religiosos. Isto significa afirmar que a mente se expressa a partir da pulsão e não de nenhuma prescrição estabelecida pelos valores do mundo. A pulsão condenada a desejar sem sucesso sua impossível extinção, seu alvo por excelência, constitui o sexual como “modelo mesmo de toda e qualquer trans-ação do e no Haver” (2000, 1996: 20).

ALEI (Haver quer não-Haver), tal como constituída pela NovaMente, é dada desde sempre, porque inscrita no movimento pulsional. E não se trata mais daquela fundada pelos homens através de uma exceção que funda a regra, ou de uma proibição que determina aquilo que é permitido. Todos, sem exceção, estão subditos à sua razão e, em última instância, é ela que viabiliza o Sexo como paradigmático, portanto, neutro, indiferente e originário em relação à diferença sexual, ou em termos operatórios, a polimorfia sexual.

Enquanto único conceito fundamental, a pulsão desenha o movimento da ALEI: Haver quer não-Haver em Revirão⁷ (máquina lógica que descreve o funcionamento do Haver ou do Inconsciente, permitindo a tudo que se coloca requisitar seu avesso). Ou seja, a pulsão, diante da sua irreversível extinção, retorna sobre si mesma e constitui o Haver, um campo homogêneo e libidinal, em formações feitas de dualidades. Aí, os interesses, submetidos ao Revirão, podem sofrer avessamentos e modificações.

Para o autor, o sexual por excelência está adscrito à lógica do Revirão, constituído por um ponto neutro, que garante às formações a possibilidade de evocar o seu oposto. O ponto neutro, terceiro e real, logicamente conjeturável, se impõe enquanto Um Sexo, único e genérico. O Sexo que Há “é o inscrito na ALEI e do qual toda e qualquer outra manifestação de secção, de sexualidade é metáfora” (Magno,

⁷ Revirão: conceito que define o funcionamento da pulsão. O Revirão como essencialidade do Inconsciente e do Haver inclui um ponto terceiro responsável pela capacidade da mente de avessar e até mesmo de indiferenciar ou neutralizar as dualidades. Cf. Revirão, Wikipédia.

2005: 15). Dito de outra maneira: “O que nos afeta primordialmente é a secção (sexão) de onde deriva nossa sexualidade” (2005: 12).

O funcionamento do Inconsciente em Revirão afirma a unilateralidade do sexo como hierarquicamente superior à bilateralidade. Com efeito, a unilateralidade reitera o Sexo como primeiro e único, suspensivo das dualidades às quais estamos acostumados a lidar no mundo. Como veremos, o sexo neutro e indiferente se bilateraliza em duas modalidades de gozos (Consistência e Inconsistência)⁸ É bom lembrar que o Sexo fundamentalmente afirmativo do Tesão, surge no rastro do conceito freudiano de libido, pois, também para Freud, só existe uma libido, aquela que designa a expressão dinâmica da sexualidade e sua dependência pulsional.

Magno privilegia a postura psicanalítica que indica não haver nada além do sexual e é daí que parte, e não dos interesses sintomáticos de cada um. A partir desta nova lente o sexual passa a ser soberano e todo e qualquer Interesse poderá ser afirmado ou denegado. É neste sentido mais fundamental que se pode dizer que o paradigma da psicanálise é sexual, na medida mesma em que o sexual é o *pathos psicanaliticos* por excelência, uma experiência pulsional. A experiência originária de quebra de simetria fractaliza o Haver em formações, as quais também são afetadas por ela. Considerar o sexual como modelo requer estabelecer um novo ponto de partida, cuja indicação mais preciosa está neste princípio disjuntivo. Junto a isto, quebra de simetria é causa de gozo, nosso *pathos*, ponto extremo de afetação da diferença fundamental entre Haver e não-Haver.

A noção de quebra de simetria parafraseada da física teórica por Magno é central na medida em que indica que o campo do Haver é homogêneo, único, sem o outro lado desejado ou sonhado. Neste sentido, teorias físicas colocam esta noção como *originária e criativa*, quando, de uma ilimitada *sopa primeva homogênea* surgem todas as coisas limitadas, isto é, diferenciadas simetricamente: multiplicidades, variedades, dualidades, oposições. A cada vez que este instante originário se atualiza, ou toda vez que uma simetria é quebrada, há criação e emergência de novas formas, novas configurações, novas formações.

⁸ Abordaremos mais adiante as modificações de Magno às fórmulas quânticas lacanianas.

John Barrow, em seu livro *Teoria de Tudo* (1994), reitera a função da quebra de simetria enquanto responsável pela ampla diversidade e complexidade do mundo. Este rompimento de um estado simétrico “poderia ser atribuído a processos aleatórios no nível quântico. O fenômeno da quebra de simetria introduz um elemento essencialmente aleatório na evolução do universo” (Barrow, 1994: 167). Esta não pode ser prevista e tem o poder de suspender, limpar as configurações sintomáticas, fazendo emergir novas significações.

É importante repetir que não se trata de abordar o sexual a partir da diferença, tão valorizada culturalmente, mas sim, destacar a sexualidade de última instância que se constitui como **indiferença sexual**, hierarquicamente superior a toda e qualquer diferença. A psicanálise, ferramenta de intervenção nos automatismos pessoais e culturais, não pode continuar pensando com os mesmos instrumentos ou fundamentos já viciados e conhecidos. Se sua eficácia reside na renovação, ampliação dos interesses e na aposta de disponibilizar o *Tesão* é preciso estar desgarrado da cultura, distante das imposições que bloqueiam sua emergência. Nossa tarefa principal seria desobstruir o caminho pulsional e suspender as forças recalcentes.

Devemos repensar a partir de novas bases conceituais, daí a inversão: parte-se da **indiferença** e não da **diferença**. Nossa aposta incide em partir da indiferença para melhor administrar e acolher as diferenças.

As fórmulas basais da sexuação

Magno acrescenta às fórmulas quânticas de Lacan mais duas fórmulas que acredita serem “basais” ou fundamentais para o entendimento do Sexo e da sexualidade. De acordo com essa ferramenta teórica, faz-se necessário a conjectura de um sexo impossível, ou **Sexo Desistente**, como sendo o quarto sexo que não comparece de fato só de direito.

Esta proposição indica que é inconcebível a extinção radical do *Tesão*. Podemos dizer que o *Tesão* é transcendental, sem conseguir nenhuma transcendência. Uma transcendência aqui postulada como um quarto sexo chamado Desistente, que realmente não há, embora confira um suporte lógico ao Sexo sendo apenas uma conjectura imposta pelo movimento desejante de nossas mentes.

Sexo Desistente

$\sim\exists x \phi x$: Não existe Tesão.

$\forall x \sim\phi x$: é impossível gozar (absolutamente) com o não-Haver.

O desejo de impossível exige a postulação desse quarto sexo, inexistente de fato, que torna único o **Sexo Resistente**, insistente e resistente no seu desejo de extinção, principalmente por esbarrar com a impossibilidade. Referência máxima para toda e qualquer manifestação e transação sexual que ocorre no Haver.

Sexo Resistente

$\exists x \phi x$: Existe Tesão.

$\sim\forall x \sim\phi x$: Ele pode ser negado, mas não eliminado.

O Sexo Resistente é o sexo paradigmático e genérico, que fica entre Haver e não-Haver. Sexo terceiro e suspensivo da bilateralidade do Revirão. Aliás, primeiro sexo, sexo único e fundamentalmente afirmativo do Tesão. Ele resiste e insiste na sua busca do impossível, pois o movimento pulsional não para, revira para outro lado suposto, mas que em última instância é o mesmo e recomeça novamente o seu périplo pulsional.

No Sexo Resistente temos as duas lógicas basais: a **lógica da Afirmação** e a **lógica da Denegação**. “Afirmação e denegação são os dois primeiros movimentos lógicos fundadores de qualquer lógica que venha posteriormente” (Magno, 2000: 139).

A lógica da Afirmação de Magno afirma de maneira radical a pulsão, o Tesão e se traduz como princípio afirmativo na fórmula: Existe Tesão ($\exists x \phi x$). Cabe repetir, o Sexo que há resiste e insiste no seu desejo de não-Haver compulsiva e compulsoriamente.

Esta lógica da afirmação, não podendo ser negada absolutamente, faz surgir a lógica da denegação, que não anula a afirmação, apenas suspende e recalca a sua radicalidade. Algo que foi brilhantemente articulado por Freud, agora elevado à categoria de Princípio: $\sim\forall \sim\phi x$. É possível apenas denegar o Tesão, mas não negá-lo totalmente.

A lógica da denegação tem como princípio tentar recalcar o conteúdo, sem eliminar o movimento da pulsão, já que toda denegação implica numa afirmação de base. A tentativa malograda de exclusão, característica do princípio da denegação exemplifica a impossibilidade da negação absoluta do Tesão, pois, segundo Freud, o que vigora na denegação é um desejo censurado que leva a marca do recalque. Mas, com a análise se adquire o reconhecimento de que originariamente tudo se afirma, logo, torna-se possível suspender o recalque, isto é, (de)negar sem recalcar.

Exatamente por isso, a denegação (*Verneinung*) não serviria apenas para recalcar, mas também, para possibilitar o **Juízo Foraclusivo**. Ou seja, a instauração deste depende do Princípio da Denegação. Um juízo que usa a suspensão no lugar da exclusão e **só** pode ser aplicado **depois** do entendimento da denegação.

Segundo Freud há uma rejeição baseada no assim chamado *juízo de condenação* considerado como um bom método a ser adotado contra o pulsional. O mecanismo de recalque seria uma etapa preliminar da condenação, pois só depois, a partir de certo discernimento obtido no exercício analítico, a pessoa substitui o recalque pelo *juízo de condenação*.

A Nova Psicanálise se apropria desta noção freudiana e a substitui pelo assim chamado Juízo Foraclusivo: uma espécie de entendimento do processo de recalque. Este não recalca, apenas rejeita uma formação em função de outra, mais adequada para o momento, sem descartar a anterior, que fica em suspensão. Neste caso, não se trata de exclusão do recalque, mas sim de discernimento dos mecanismos mentais que, para nós, equivale ao funcionamento do Revirão. Este processo se impõe como compreensão do movimento bipolar do psiquismo e torna-se um dispositivo lúcido, em substituição à alienação do recalque. Ou seja, no regime da indiferença, do sexo Resistente, veremos *ad hoc* o que pode parecer mais prático e tomaremos uma decisão sem nos sintomatizar nela (Magno, 2007: 64).

Logo, a denegação como princípio lógico do Inconsciente funciona, ora por recalque, ora por suspensão. A suspensão substitui o mecanismo recalcante pelo mecanismo de escolher aquilo que seria mais adequado no **aqui e agora** de qualquer situação. Com o Juízo Foraclusivo subtrocamos a força do recalque pelo entendimento do Revirão e seu poder de metamorfose. Articular o princípio de

denegação com o Juízo Foraclusivo, um mero juízo sem recalçamento, indica que estamos mais próximos da cura e, portanto, menos alienados.

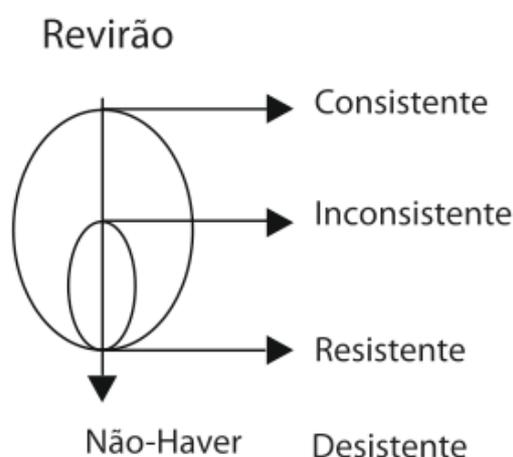
Faça-se a suspensão disso para podermos operar as outras formações. Vamos excluir, mas está lá, não vamos esquecer e, a qualquer necessidade, lançaremos mão. Isto não é retorno do recalçado, e sim reutilização do que foi ajuizado num determinado momento (Magno, 2003: 153).

Sendo assim, o sexo Resistente aponta para nossa especificidade de revirar e comanda o processo: puro Tesão que nos impulsiona para frente. Frequentar este sexo implica em discernir e recorrer às fórmulas basais aí implicadas: **afirmação** radical do movimento da pulsão e **denegação** sem possibilidade de eliminação.

Consistência e inconsistência

O Haver apresenta modalidades de gozo que são distinguíveis no nível lógico: as vertentes Consistente e Inconsistente. Estas substituem a ideia de masculino e feminino tal como trabalhadas por Lacan, constituem a bilateralidade e configuram a estrutura do Revirão como um todo.

Nossa tarefa curativa consiste em colocar em funcionamento a matriz operacional Revirão, estrutura mínima do psiquismo e do Haver com suas quatro posições sexuais.



A modalidade de gozo chamada **Consistente** repete a fórmula da posição masculina lacaniana. É necessário que exista pelo menos um que diga não ao Tesão para que seja possível a constituição de um universal consistente em relação ao gozo.

Sexo Consistente

$\exists x \sim \phi x$ Existe pelo menos um que não é castrado.

$\forall x \phi x$ Para que todos sejam.

A outra posição – que corresponderia à feminina para Lacan – por sua vez, já apresenta uma abertura considerável. O que existe aí é uma suspensão da proibição ou uma negação da negação: não existe nenhum que diga não, logo, não todo é castrado. Trata-se da lógica **Inconsistente**, a modalidade de gozo que, por não configurar universalidade, inclui a exceção. Um modo de pensar e gozar que suspende o fechamento da consistência.

Sexo Inconsistente

$\sim \exists x \sim \phi x$: Não existe nenhum que diga não ao Tesão.

$\sim \forall x \phi x$: Logo, não todo se refere à castração.

Conclusão

As evidências nos forçam a reconhecer que as duas modalidades de gozo são insuficientes para elevar o sexo ao *status* de paradigma. Na verdade, Consistência e Inconsistência apenas constituem a **bilateralidade** sexual do Haver e, não passam de decadências do Sexo do Haver como **Unilateral**. No regime do Sexo Resistente, do Tesão pelo impossível, aí sim, podemos situar o aspecto paradigmático da psicanálise.

De fato, os quatro sexos são referências clínicas e possibilidades lógicas de base psicanalítica para constituir mundo. Todavia, o Sexo Resistente afirma a experiência de quebra de simetria e disponibiliza para novas emergências, enquanto pura insistência no Tesão. Sexo genérico, que comparece no mundo ora como universal (consistência), ora como não universal (inconsistência). Decadências do sexo único, consistência e inconsistência, só se estabelecem precariamente, pois são expedientes que se alternam, ou se excluem. O Sexo que há, neutro e indiferente é soberano, portanto paradigmático por privilegiar a quebra de simetria, efeito e causa do Tesão inarredável pelo impossível.

A NovaMente, com o objetivo de afastar-se cada vez mais das formações sintomáticas e entender as articulações mentais, constitui sua ferramenta a partir do registro do Real. A primazia do Real, que se traduz como quebra de simetria, pode ser experimentada diante da falta absoluta de relação entre Haver e não-Haver. Da quebra de simetria, uma experiência real que fractaliza o Haver em formações, advém a função operatória do sexo Indiferente como separação ou disjunção. Modelo de toda e qualquer transação que comparece no Haver e no psiquismo. Com efeito, se o Sexo se estabelece como Um, e como Tesão não eliminável, a sexualidade na sua multiplicidade, pode ser considerada perversa polimorfa.

Uma das vantagens desta reformatação seria a possibilidade de uma Pessoa experimentar o Real, a quebra de simetria, gozar com as modificações sofridas e continuar insistindo no Tesão. Com isto, a NovaMente explicita e reitera o sentido paradigmático do sexual que comparece como um expediente mental disjuntivo diante do desejo de acoplamento radical.

Partir do Sexo Resistente, da operação de separação, ao invés de partir do sintoma, torna a mente flexível, com abertura suficiente para não julgar, mas sim compreender e administrar os conflitos. Uma mente disponível para acolher todo e qualquer evento sem discriminação prévia, ou modelo explicativo para abordar o sintoma. Pois Sexo é afirmatividade, disponibilidade e acolhimento dos eventos. Sua função operatória de separar as formações estimula o poder articulatório da mente e suas transformações.

A experiência de Revirão nos separa do mundo e proporciona independência das formações. Quer dizer, o Revirão disponibiliza o aspecto *transacional* da mente, pois as formações transam infinitamente, embora não seja possível relação ou acoplamento entre elas.

E, por último, temos a substituição do mecanismo denegatório, um dos princípios das fórmulas basais, pelo Juízo Foraclusivo, que garante o entendimento da bilateralidade e a suspensão do recalque. Pode-se dizer que o Revirão funciona contra a alienação imposta pelo mecanismo recalcante. Utilizar o Revirão como referência, colabora para entender que o manifesto evoca o latente; o recalque inclui o retorno do recalcado e, não há repulsa sem atração.

O Juízo Foraclusivo opera para além da ordem sintomática. Um expediente próprio, singular do funcionamento da mente, que permite pensar sem estar apoiado em crenças ou preconceitos. Nossa meta seria substituir a alienação pelo poder de decidir com lucidez, de acordo com o momento ou com a situação. Esta psicanálise reconhece a diferença radical que há entre interditar algo funcionalmente e interditar por obrigação sintomática.

A tarefa analítica de ampliar o poder de gozo torna o Sexo operacional e exemplar para o processo. Pois a cura depende da persistência no Tesão, que disponibiliza para o desconhecido e funciona como disjuntivo, ampliando assim nosso poder de articulação, produção e criação.

Referências

- DESPARTS-PÉQUIGNOT, C. "Sexualidade" in Kaufman, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O Legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- HANNS, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Mais, Ainda*, livro 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- MAGNO, MD. [2006] *Amazonas: A Psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2008.
- _____. [2005] *Clavis Universalis*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2007.
- _____. [2000/2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2003.
- _____. [1996] *Psychopathia Sexualis*. Santa Maria: UFSM editora, 2000.
- _____. [1995] *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2000.
- _____. [1994] *Velut Luna*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000.
- _____. [1986/1987] *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro, outra editora, 1988.
- MONZANI, L. R. *Freud: O Movimento de um Pensamento*. São Paulo: Unicamp, 1989.

RORTY, R. *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

_____. *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Lisboa: Presença, 1992.

STENGERS, I. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.